

GÊNERO E VOZ NA MÚSICA: UMA REVISÃO SOBRE A PESSOA TRANSGÊNERA E O BINARISMO HOMEM-MULHER NA PRÁTICA DO CANTO

GENDER AND VOICE IN MUSIC: A REVIEW OF THE TRANSGENDER PERSON AND THE MALE-FEMALE BINARISM IN SINGING PRACTICE

Valter Carlos de Menezes¹

Lucas Gabriell Fernandes Cruz²

Resumo: A voz é algo intrínseco a identidade e representa toda nossa história, marcada por experiências diversas, pelo espaço que crescemos e a cultura que nos cerca. Estes fatores acabam por contribuir com nossa construção enquanto indivíduo e a voz é a porta por onde afirmamos nossa própria identidade. Para a pessoa transgênero a sua voz reafirma sua verdade, sua identidade. O estudo em questão tem

como intuito compreender o gênero, perceber a relação da voz com a identidade e reconhecer o gênero no espaço da música, em específico na prática do canto, atividade vocal a qual se utiliza da voz que muitas vezes é estereotipada por ideais do binarismo homem-mulher.

Palavras-chave: Voz; Identidade; Gênero; Binarismo; Canto.

1 Graduação em Música pela UERN e Pós-Graduação em Voz Profissional: Abordagem multidisciplinar pela UNYLEYA

2 Graduando em Direito pela UERN

Abstract: The voice is something intrinsic to identity and represents our entire history, marked by diverse experiences, by the space we grew up in, and the culture that surrounds us. These factors contribute to our construction as an individual, and the voice is the door through which we affirm our own identity. For the transgender person, their voice reaffirms their truth, their identity. This study aims to understand gender, to perceive the relationship between voice and identity, and to recognize gender in the music space, specifically in the practice of singing, a vocal activity which uses the voice that is often stereotyped by ideals of male-female binarism.

Keywords: Voice; Identity; Gender; Binarism; Singing.

Introdução

O nosso corpo é o espaço onde habita nossas histórias, as vivências, experiências, tudo que nos constrói. Para Shel Almeida (2009), o processo de construção de identidade depende, além de escolhas pessoais, da influência do meio e da história pessoal de cada indivíduo, das experiências que este vivenciou. É por meio dele que também nos expressamos, contamos quem somos e vamos transformando-o no decorrer do nosso crescimento, afinal nosso corpo acaba muitas vezes por ser caracterizado de acordo nossa verdade e no que acreditamos.

Ao mudar o corpo, o indivíduo pretende mudar sua vida, modificar seu sentimento de identidade. O homem contemporâneo tem as possibilidades de modelar e

construir seu corpo conforme desejado. O indivíduo modela para si diariamente um corpo inacabado. O corpo é, portanto, uma forma a ser transformada. Tatuagens e marcas corporais são cada vez mais crescentes na associação do corpo como objeto maleável, sempre em transformação. Trata-se de fabricar a si mesmo. O corpo não é mais matéria do sagrado, mas sim uma matéria para transformação na construção de uma nova identidade. A anatomia deixa de ser um destino para ser uma escolha. (TRABALHOS GRATUITOS, 2013, p. 1)

A psicóloga e neuroeducadora Gabrielle Prado (2017) diz que o corpo também é participante na construção e iden-

tificação do eu, significando sua identidade pela percepção do corpo físico a partir dos sentidos (PRADO, 2017, s/p). O corpo é parte de nossa identidade, com suas formas e características que lhe tornam único em meio a tantas pessoas que existem no mundo. Por mais que encontremos outro corpo muito parecido, perceberemos que existem particularidades que acabam por diferenciar um indivíduo de outro. Para a autora Fernanda Brito (2017) a identidade é termo para descrever as características próprias que nos diferenciam de outros (BRITO, 2017, p. 1).

Apesar de cada indivíduo ser diferente a partir de sua construção sociocultural, biológica e outros surgiram diversos padrões na história que não dizem respeito somente a ideia de beleza, mas também sobre gênero, sexualidade, em como

devemos nos reconhecer, agir, se vestir, até sobre como sentimos e nos expressamos. A autora Mari Rodrigues ainda diz que

Em 1918, a revista de moda Earnshaw dizia que o que seria aceito era meninos usando rosa e meninas usando azul. Bem diferente do que se ouviu cem anos depois, em 2019: menino veste azul e menina veste rosa. Pois bem, será? Não poderíamos usar outras cores, como o verde, o vermelho, o preto? Por que insistir em padrões tão aleatórios de afirmação de gênero? (RODRIGUES, 2020, p. 1).

Essas ideias padronizadas da sociedade acabam por abarcar apenas a ideia do binarismo homem-mulher, delimitando as coisas em elementos tipicamente femininos ou masculinos,

como as roupas, cor azul ou cor rosa, cabelo grande é de mulher e homem usa cabelo curto, até no emocional e mental quando promovem frases como homens não choram e mulheres são frágeis e sentimentais demais. Mari Rodrigues (2020) ainda considera que tal padronização do feminino e masculino é um fator prejudicial para as pessoas que transicionaram de gênero. Tais convenções acabam por promover situações absurda, nas quais essas pessoas buscam se adequar ao máximo nessas caixinhas, padrões, as vezes em nome de uma “passabilidade” que permitam lidar com menos preconceito. Tantos homens trans quando mulheres trans acabam por adotar posturas e comportamentos, que podem ser tóxicos, isso em prol de serem percebidos de fato como são.

Segundo Menezes (2021) dentro do campo da Arte

o indivíduo pode se expressar de várias formas, utilizando seu corpo para transmitir sua história e como são e quem são, seja na dança, música, teatro, dentre outros (MENEZES, 2021, p. 11). Refletindo sobre a voz cantada, para Cecília Coelho “cantar é uma atividade essencialmente corporal” (COELHO, 2017, p. 78). A voz falada ou cantada, enquanto fenômeno que surge através da atividade corporal, também possui relação direta com a construção de nossa identidade e gênero, como será explanado no decorrer do trabalho. Para Caldeira (2019) a voz também, além de ser parte do indivíduo, é uma ferramenta de identificação do ser e tem importância na atividade dos papéis sociais de gênero (CALDEIRA, 2019, p. 24).

Usamos a fala para afirmar nossa identidade, a existência em meio a sociedade, opinar

e expressar tudo o que sentimos, somos e desejamos. Junto disso podemos pensar que, se a identidade é construída a partir de tudo que já foi supracitado, em especial nossas características e formas, a voz também em suas características timbrísticas, sonoras e outras, vão ter relação com nossa identidade. Como exemplo podemos recordar que muitas vezes os rapazes acabam por buscar falar mais grave num intuito de afirmar sua masculinidade em meio a sociedade.

O presente trabalho tem como objetivo compreender como a voz falada e cantada impactam e se relacionam com a identidade de gênero. A partir de revisão de literatura, em trabalhos que abordam voz falada, voz cantada, transexualidade, gênero e identidade. Foram feitas buscas nas bases Scielo, Google Scholar, Google, a fim de buscar materiais

que pudessem agregar a esta presente pesquisa.

2 Construção de gênero

As diversas formas possíveis de se expressar que existem em uma coletividade, além de mostrarem-se influenciadas pela cultura e pelo contexto histórico ao qual se situam, trilham por uma via que desemboca nas águas de um complexo e amplo emaranhado de personalidades, inseridas no contexto de uma sociedade globalizada, em que elementos como tempo e espaço foram amplamente relativizados através da utilização das redes sociais, da inteligência artificial e, sobretudo, da internet. Sobre isso, Alvarez (1999) explica que o termo globalização tem sido usado para

caracterizar um conjunto aparentemente bastante heterogê-

neo de fenômenos que ocorreram ou ganharam impulso a partir do final dos anos 80 - como a expansão das empresas transnacionais, a internacionalização do capital financeiro, a descentralização dos processos produtivos, a revolução da informática e das telecomunicações, o fim do socialismo de Estado na ex-URSS e no Leste Europeu, o enfraquecimento dos Estados nacionais, o crescimento da influência cultural norte-americana etc. -, mas que estariam desenhando todos uma efetiva “sociedade mundial”, ou seja, uma sociedade na qual os principais processos e acontecimentos históricos ocorrem e se desdobram em escala global”. (ALVAREZ, 1999, p. 97).

Nesse contexto global, as relações intersubjetivas acontecem quando há o encontro de interesses entre dois ou mais indivíduos, resultando daí a possibilidade de geração de relações afetivas nutridas e sustentadas, em suma, pelo amor e pelos interesses comuns aos seus membros. À medida que esses pontos comunicantes se afluam, as relações afetivas entre esses indivíduos acontecem e podem desenvolver a vontade de agregar novos membros à essa teia familiar através da gestação e por meio do processo adotivo, para os que assim desejarem.

Apesar da beleza inegável desse fenômeno, considerado algo sagrado até mesmo por diversas práticas religiosas, o processo de multiplicação familiar através da gestação ou adoção de filhos pode também representar

um verdadeiro processo gerador de injustiças e traumas significativos, principalmente quando esses filhos em questão não se encaixam nos ditames de gênero e sexualidade culturalmente hegemônicos, impostos a eles desde o nascimento, sendo lançados em um contexto social que vai de encontro a quem realmente é. Quanto a essa hegemonia, Swain (2010) explica que

A heterossexualidade é, da mesma forma, politicamente compulsória, o que significa um intenso processo de convencimento cultural em políticas familiares e educacionais ou a imposição pela coerção de normas de submissão e devoção ao masculino, construindo-o de forma imperiosa como definidor da divisão de trabalho, remuneração e importância social (SWAIN, 2010,

p. 47).

A partir da observação prematura da genitália do bebê, dependendo se ele nasce com a configuração sexual biologicamente masculina ou feminina, a ele já é imputada uma carga ideológica representativa de um padrão estético e comportamental típico para o sexo ao qual lhe foi designado. No decorrer do seu desenvolvimento, qualquer variância performática de gênero que destoe daquilo que lhe foi imputado como típico do seu sexo biológico, caracterizando-o como uma pessoa transgênera, é imediatamente rechaçado e vilipendiado, visto como algo errado e não coerente com o “padrão” que lhe é “cabível”.

Isso demonstra a premente necessidade de se tecer um olhar sensível e apurado para os fenômenos sociais que vão se

modificando, solidificando conceitos como o Feminismo e sua busca pela igualdade e justiça de gênero, as múltiplas variâncias de masculinidades e a quebra da hegemonia da aceitação de uma única forma de expressão masculina possível ao se reconhecer as suas diversas faces e variâncias no meio social (VIGOYA, 2018, p. 58), além de difundir a teoria queer e seu questionamento quanto aos papéis sociais desempenhados socialmente, aceitando a fluidez e diversidade em contraponto ao binarismo reducionista homem/mulher, heterossexual/homossexual, defendendo que a orientação sexual e identidade de gênero são construções sociais e não padronizáveis (MISKOLCI, 2012).

Com o surgimento de pesquisas em torno de gêneros, conseguimos observar o quanto o corpo e diversos aspectos são

de suma importância para percepção do gênero, não apenas para outros, mas para o próprio “eu” em especial para as pessoas que transicionam de gênero. Daremos continuidade compreendendo agora a relação de música e gênero, delineando no sentido da voz enquanto fator social e expressor da identidade do indivíduo.

3 Música e gênero

Dentro da sociedade em seus diversos espaços e contextos o machismo é presente e toda ideia de superioridade do homem, entretanto os movimentos sociais e as pesquisas feita por mulheres há décadas, abriram espaço para visibilizar e compreender a importância, do direito de ser e existir de todos. Essa luta por espaço dura até hoje e provocou um maior olhar sobre outras expres-

sões de gênero e sexualidade. Na Música da mesma forma acontece a predominância dos homens, levando em outrora até as mulheres a duvidarem que não eram ou são capazes de compreender ou fazer música. Com base nas pesquisas feitas por Martí (1999) e Silva (2000) o gosto musical feminino se fundamenta em “futilidades” como na beleza de um integrante da banda. Diz também que as meninas tem mais relação com músicas lentas e melodias triste pois são sensíveis, emocionais e menos racional que homens (MARTÍ, 1999; SILVA, 2000 apud CALDEIRA, 2019, p. 28). Tais pensamentos acabam por sujeitar a figura da mulher, inferiorizando suas capacidades.

Caldeira (2019) diz que não é assunto novo a ideia de atribuir a homens a racionalidade e as mulheres a emoção. Desde os primórdios da narrativa his-

tórico-musical as atividades que são consideradas racionais se atém ao homem e as sensitivas as mulheres, condicionando as funções em masculino e feminino. Lembrando até a outras ideias estereotipadas da sociedade, como a cor azul ser de menino e rosa de menina, da mesma forma acontece na prática de instrumentos musicais, na qual se propõe que as mulheres devem tocar instrumentos mais leve e homens os mais pesados e maiores (CALDEIRA, 2019, p. 29).

Tanto as mulheres encontram dificuldades no seu percurso enquanto musicistas, mas também pessoas transexuais, travestis e outros. Pois, para além de lidar com todo preconceito manifestado pela sociedade, também passam por processos internos como as dificuldades com a identidade e a relação social, com os espaços que vivencia todos os

dias. A partir disso buscando mudanças no seu corpo e na sua voz, a qual como já supracitado tem relação direta com sua identificação em meio social.

Segundo Miyake (2013) no início do século XXI é que começaram a se desenvolver pesquisas que consideravam a teoria-queer, entretanto havia pouco material empírico no campo (MIYAKE, 2013 apud CALDEIRA, 2019, p. 26). Por alguns autores ainda é visto que esse campo de pesquisa é marginalizado em nosso país. Segundo Caldeira (2019) muitos trabalhos que são consultados sobre gênero geralmente estão na perspectiva feminista na música. Estudos que retratem sexualidade, identidade de gênero de forma abrangente ainda são raros no macro campo brasileiro, mesmo tendo acontecido em 1990 o surgimento da teoria queer (CALDEIRA, 2019,

p. 27).

Atualmente as pesquisas sobre a pessoas transgênero em diversos contextos, possibilidades, vêm sendo desenvolvidas, entre as diversas áreas sociais, humanas e outras, também no campo da Saúde pela Fonoaudiologia e na Música por meio de Canto, buscando compreender a voz da pessoa trans que enfrenta processos para se adequar conforme se identifica, além de explicar sobre saúde, técnica vocal, fisiologia da voz e outros. Nas pesquisas de Drumond (2009); Souza, Gomes e Guedes (2015); Barros (2017); Kienen e Silva (2020) e em diversas outras podemos encontrar materiais que servirão de aporte para contribuir com a voz trans e sua identidade, além de ter conhecimento que pode favorecer a técnica vocal para voz trans. A seguir compreenderemos melhor sobre a relação da voz e identida-

de e os processos que existem por de trás da voz transgênera falada/cantada.

4 A dualidade da voz e canto

Para compreendermos a relação da voz e identidade, se faz interessante compreender também o que é a voz. Segundo a Goulart e Cooper (2002) a voz é uma característica única e própria do ser e sua produção tem relação com diversos fatores biológico, genéticos e também com fatores culturais e psicossociais. A personalidade, o emocional em seu estado e até a forma que expressa suas emoções podem impactar na voz e causa diferenciais (GOULART; COOPER, 2002 apud SOUZA; GOMES; GUEDES, 2015, p. 2).

Quando nascemos, seja menino ou menina, temos as vo-

zes apenas infantis sem muita distinção direta fisiologicamente entre voz feminina ou masculina. O papel de identificação de gênero por meio dela é mais presente somente após a puberdade. Para a fonoaudióloga Mara Behlau (2001) durante a fase da adolescência, no momento da grande produção de hormônios e mudanças nas características físicas, ou seja, na puberdade é que a voz ganha papel importante na identificação dos gêneros. Nessa mesma faixa começa acontecer a muda vocal e a partir desse momento, onde a ação hormonal provoca também mudanças no aparelho fonador, consequentemente provocando a distinção entre o sexo masculino e feminino (BEHLAU, 2001, apud DRUMOND, 2009, p. 2).

Segundo a Hancock (2015) a voz é um fator determinante na percepção do gênero,

quando não há consonância entre a voz e a expressão de gênero pode causar sentimentos complexos e tendo potencial para impactos psicossociais. Promovendo angústias e outros de acordo como seu gênero é percebido socialmente (HANCOCK, 2015; AZUL, 2015, apud BARRO, 2017, p. 15). A autora ainda diz que

Em decorrência disso, as pessoas transexuais podem experimentar várias formas de angústia derivadas de como seu gênero é lido socialmente, a conformidade com os estereótipos de gênero em vigor socialmente é considerada como algo fundamental para grande parte das pessoas trans, uma vez que ser passável socialmente pode influenciar desde situações como a segurança contra ações transfó-

bicas à satisfação de a pessoa ser reconhecida como realmente é (BARROS, 2017, p. 15-16).

Para Caldeira (2019) o que esperamos encontrar na voz de um indivíduo e seu gênero é uma construção sociocultural. Enquanto parte da identidade do indivíduo a voz acaba por servir para identificação do gênero. É um padrão estabelecido pela sociedade onde se entende que “ser homem” é ter acompanhado de si uma voz grave e “ser mulher” é ter voz aguda, algo que corresponde ao sexo biológico de acordo com o padrão. O autor ainda ressalta que pensar dessa forma gera uma problemática, pois nem toda “voz de homem” é necessariamente grave e nem a “voz de mulher” é sempre aguda, fora que existem as pessoas (travestis, transexuais e entre outras) que

não se identificam com o binarismo homem-mulher (CALDEIRA, 2019, p. 24).

No campo da música, no que diz respeito ao ensino de canto vem sendo discutido a questão da dualidade da voz como pode se ver no trabalho de Caldeira (2019) onde ele nos apresenta que a construção da voz feminina e voz masculina no canto vem desde a Idade Antiga (CALDEIRA, 2019, p. 9). Teitler (1993) apresenta duas tradições de canto, a grega com as seguintes características: forte, vigoroso, poderoso e racional. Já a romana: suave, rebuscado, elegante e gracioso (TEITLER, 1993 apud CALDEIRA, 2019, p. 9). Caldeira ainda diz que não é difícil perceber a dualidade presente na narrativa histórico musical, quando se vê considerado o que é racional inerente ao masculino e sensível ao feminino. As músicas

mais rebuscadas e com ornamentos eram tidas como efeminadas, pois, iriam contra a “natureza máscula” que existia no canto-chão (CALDEIRA, 2019, p. 9-10).

Esse dualismo que foi instituído desde séculos atrás acaba por provocar problemas de identidade como até mencionados anteriormente, padronizando voz grave para masculino e aguda para feminino, o que não atende àquelas e aqueles que não se identificam com o binarismo homem-mulher. Esse dualismo presente no canto também se relaciona com a classificação vocal a qual pode ser prejudicial para o cantor ou cantora em questão, já que são feitas de acordo com gênero. Kienen e Silva (2020) apresentam em seu artigo relatos de professores de canto com seus alunos e alunas. Entre os relatos encontramos partilhas como a de Michael Chipman professor de

Música do Westminster College em Salt Lake, Utah onde fala sobre sua experiência com uma aluna transexual, dizendo que

por conta da sua classificação vocal como barítono, a mulher entrou em uma crise existencial, apesar de ela gostar de cantar nessa região, a maioria das obras cantadas eram por homens. A solução abordada pelo professor foi a de desmistificar a relação entre a classificação vocal com o gênero de quem a executa, apresentando a aluna, por exemplo, obras cantadas por castrati ou mulheres com um registro mais grave que o costume (KIENEN; SILVA, 2020, p. p. 4).

Os autores Kienen e Silva (2020) ainda dizem que as pessoas transexuais a partir de

suas experiências com a técnica vocal, acabam por publicar na internet conteúdos relatando as vivências a fim de ajudar outras pessoas transexuais e da comunidade LGBTQ+, geralmente com foco para o tratamento vocal (KIENEN; SILVA, 2020, p. 5).

Fora do país já encontramos pesquisadores estudando e explanando trabalhos sobre a voz da pessoa transexual, mas segundo a Caldeira (2019) no Brasil ainda não temos trabalhos escritos de pedagogia do canto sobre a voz transgênero (CALDEIRA, 2019, p. 13). É interessante observar que, mesmo vulnerável a discussão sobre gênero nas pesquisas científicas no campo musical, e também, apesar da existência de diversos fatores que atrapalham uma maior visibilidade da pessoa transgênero em meio ao campo musical, temos cada vez mais presente

em mídias e no mercado musical cantoras e cantores transgêneros, além de diversas outras e outros cantores que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+ que não se identificam com o binarismo. Entre elas podemos citar: Urias, Assucena Assucena e Raquel Virginia com a banda As Bahias e a Cozinha Mineira, Nick Cruz, Liniker, Linn da Quebrada, Mulher Pepita, Aretuza Love, Gloria Groove, Candy Mel, Mc Xuxu e Mc Trans, onde por meio dessas pessoas conhecemos suas trajetórias, desde as dificuldades até o sucesso, suas características vocais e outras, além de serem porta-vozes para outros que vivem à beira da marginalização e do preconceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças que acontecem na sociedade de acordo

com o espaço e época, refletem também no campo da Música. Sendo assim nesse período contemporâneo onde temos presente a multiplicidade nas formas e expressões de gêneros, sexualidades e outros, o estudo sobre a desconstrução de gênero se faz necessário. Isso está sendo inserido nas pesquisas e espaços acadêmicos, após décadas de estudos feministas e da descoberta da teoria queer e de toda comunidade LGBTIQAP+. Nos estudos fora do país está começando a ser desenvolvido as pesquisas acerca das pessoas transgêneros.

Este trabalho a partir de sua revisão nota que é importante para as pessoas transgêneros, travestis e outras a compreensão da voz enquanto ferramenta de identificação; que as mesmas pessoas precisam de profissionais e uma sociedade que reconheça as características da voz,

entenda suas particularidades e não que a sonoridade seja motivo para julgar o gênero, reduzindo o preconceito existente; podemos entender que o mercado musical abriga atualmente diversos artistas LGBTIQAP+ com isso cada vez mais será crescente a busca dessas pessoas por espaços musicais e artísticos e que é importante para elas que esses ambientes estejam preparados para lidar com suas particularidades sem buscar enquadrar no binarismo homem-mulher e sim valorize suas características e habilidades assim como são. Esperamos que as pessoas permitam que a voz possa ser livre para a opção do indivíduo e não algo julgado, adequado e sob condenação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Shel. Corpo e Sociedade x Corpo e Identidade. 2009.

Disponível em: <http://www.over-mundo.com.br/overblog/corpo-e-sociedade-x-corpo-e-identidade>. Acesso em: 19 dez. 2021.

ALVAREZ, Marcos César. Cidadania e direitos num mundo globalizado. *Perspectivas*, São Paulo, n. 22, 95-107, 1999

BARROS, Alana Dantas. A RELAÇÃO ENTRE A VOZ E EXPRESSÃO DE GÊNERO: a percepção de pessoas transexuais. 2017. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31164/1/2017_AlanaDantasBarros.pdf. Acesso em: 19 dez. 2021.

BRITO, Fernanda. *Identidade Corporal: você tem uma?. você*

tem uma?. 2017. Disponível em: <https://desenvolviver.com/identidade-corporal/identidade-corporal-voce-tem-uma/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 42, p. 249–274, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645122>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CALDEIRA, Bruno. O PROCESSO DE DESPEDIR-SE DE UMA VOZ:: percursos de transição vocal de cantores transmasculinos. 2019. 91 f. TCC (Graduação) - Curso de Música, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

COELHO, Cecília Maria Valentin Teixeira. *A experiência estética tecida pelo canto no proces-*

so social: sensibilidade, tempo e pertencimento. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

DRUMOND, Lorena Badaró. FONOAUDIOLOGIA E TRANSGENITALIZAÇÃO: a voz no processo de reelaboração da identidade social do transexual. In: XV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 15., 2009, Maceió. PSICOLOGIA SOCIAL E POLÍTICAS DE EXISTÊNCIA: fronteiras e conflitos. Maceió: Abrapso, 2009. p. 1-216. Disponível em: https://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/161.%20fonoaudiologia%20e%20transgenitaliza%C7%C3o.pdf. Acesso em: 19 dez. 2021.

GRATUITOS, Trabalhos. Conceção Histórica Sobre A Evolução Do Corpo. 2013. Disponível

em: <https://www.trabalhosgratuitos.com/Sociais-Aplicadas/Ci%C3%AAs-Sociais/Concep%C3%A7%C3%A3o-Hist%C3%B3rica-Sobre-A-Evolu%C3%A7%C3%A3o-Do-Corpo-58012.html>. Acesso em: 19 dez. 2021.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&A, 2006. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5179041/mod_resource/content/1/07%20-%20HALL%2C%20S.%20Identidade%20Cultural%20na%20P%C3%B3s-modernidade.%20%20Rio%20de%20Janeiro.%20DP.%20A.%202000.%20Cap%C3%ADtulos%201%20e%202.pdf. Acesso em: 20 dez. 2021.

KIENEN, João Gustavo; SILVA, Jully Vidal Guimarães. Físio-



logia Vocal da Transexual. In: XXX CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 30., 2020, Manaus. Anais [...]. Manaus: Annpom, 2020. p. 1-9. Disponível em: <http://anppom-congressos.org.br/index.php/30anppom/30CongrAnppom/paper/viewFile/251/151>. Acesso em: 19 dez. 2021.

KIENEN, João Gustavo; SILVA, Jully Vidal Guimarães. Pelo direito à voz identitária: caminhos da reconfiguração vocal da mulher trans. In: XXX CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 30., 2020, Manaus. Anais [...]. Manaus: Annpom, 2020. p. 1-9. Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/30anppom/30CongrAnppom/paper/viewFi>

le/249/149. Acesso em: 19 dez. 2021.

MENEZES, Valter Carlos de. VOZ E CORPO: uma investigação pedagógica da técnica de alexander. 2021. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de Música, Artes, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2021.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NAVARRO-SWAIN, T. Desfazendo o “natural”: a heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

PRADO, Gabrielle. O corpo e o processo de identidade. 2017. Disponível em: ht

[tps://universodamentesite.wordpress.m/2017/08/09/o-corpo-e-o-processo-de-identidade/#:~:text=%2F%20Gabrielle%20Prado%20-%20Psic%C3%B3loga%20e%20Neuroeducadora%20No,do%20EU%2C%20desse%20corpo%20f%C3%ADsico%20percebido%20pelos%20sentidos..](https://universodamentesite.wordpress.m/2017/08/09/o-corpo-e-o-processo-de-identidade/#:~:text=%2F%20Gabrielle%20Prado%20-%20Psic%C3%B3loga%20e%20Neuroeducadora%20No,do%20EU%2C%20desse%20corpo%20f%C3%ADsico%20percebido%20pelos%20sentidos..) Acesso em: 20 dez. 1997.

files/6814/3337/6578/Voz_humana-v7.pdf. Acesso em: 19 dez. 2021.

VIGOYA, Mara Viveros. As cores das masculinidades: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

RODRIGUES, Mari. Vamos falar sobre padrões de gênero? 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/mari-rodriques/2020/06/20/vamos-falar-sobre-padroes-de-genero.htm>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SOUZA, Marli Soares de; GOMES, Rosana M.; GUEDES, Juliana Mascarenhas. Voz Humana e Comunicação. Cipa. Belo Horizonte, p. 1-6. jun. 2015. Disponível em: <http://www.fumec.br/>